**NOME: MONS. RAIMUNDO ANTONIO**

**SOBRENOME: DA SILVA (MONS. GABRIEL)**

**DISCIPLINA: UNÇÃO E PENITÊNCIA 8º SEMESTRE**

Aula: dia 25 de agosto de 2020

**TEMA: 2. APROXIMAÇÃO ANTROPOLÓGICO-BIBLICO SOBRE A NATUREZA DA PESSOA HUMANA FRAGILIZADA NO SEU CONSTITUTIVO TOTAL PELA EXPERIENCIA DO SOFRIMENTO E ENFERMINDADE**

I. Autor: BOROBIO, Dionisio et al. **A celebração na Igreja 2**. Sacramentos. São Paulo: Edições Loyola, 1993. p. 541-545.

**Síntese para o entendimento do texto:**

1. O Sacramento da Unção no conjunto da teologia

Celebrado em que estado? Qual o objetivo? E o que quer mostrar? A unção está situada na teologia como símbolo salvífico eclesial, ou seja, da graça para a pessoa debilitada. O objeto do estudo será realizado através das duas vertentes: a mais antropológico-teológico e a mais litúrgico-pastoral. O método a seguir é o histórico, privilegiando a teologia patrística.

2. O homem diante da enfermidade na cultura atual

A unção dos enfermos sempre em contexto vital, culturalmente situado: a) Quadro sociocultural tradicional; b) Quadro sociocultural atual.

3. O enfermo diante da unção na Igreja de nossos dias – as grandes reviravoltas na sociedade e suas implicações na vida dos fiéis na relação com a unção.

II. Autor: FARIAS, José. **A Unção dos Doentes**. O Sacramento do Conforto e da Consolação. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2011. p. 11-22.

**O entendimento do texto:**

Capítulo breve, mas significativo, por ser de natureza antropológica, que enfoca o sofrimento humano como algo que constitui e perpassa o âmago mais profundo do ser, já que o sofrimento não está limitado a doença e outros males no mundo, mas também do que decorre da questão metafísica do sentido da existência humana, até transformando o axiona cartesiano *cogito ego sum*, por este: *sofro, logo existo.* As bases antropológicas do sacramento da Unção dos Enfermos, são abordadas no que envolve de existencial na dinâmica do mistério da salvação. O sofrimento é tão humano que pode se tornar também divino, porque foi assumindo no mistério da Encarnação para efetivar a redenção do sofrimento, pela realidade e seriedade da condição da existência humana. O sofrimento, em quaisquer formas, revela a seriedade da existência humana.

1.1.O sofrimento como drama existencial

É um obstáculo incontornável do estatuto da criatura, de sua condição tipicamente humana, que com suas causas, manifestações e efeitos, afeta o homem na sua unidade e totalidade físico-psíquico-intelectual-espiritual-social-cultural, e por ser tão grave que o homem coloca em crise, em questão, o sentido da sua vida. É uma perguntar nunca abstrata, mas que emerge de dentro da pessoa que sofre: porque acontece comigo?

O homem que sofre é consciente do que vive e se indaga o porquê dessa situação, e sua agonia é maior quando não encontra uma res+posta que o esclareça e o satisfaça. Tem resposta para o sofrimento? Se resolve com ideias? Também outra questão: o porquê do mal presente no mundo e nas pessoas? Diante de quem o homem se interroga sobre o sofrimento, e porquê o coloca diante de Deus?

O sofrimento perpassa todas as questões existenciais, através de uma gama de interferências, que exige ser interpretado e significado em todas as culturas, na sua diversidade e pluralismo, de hoje e de sempre. Os projetos humanos estão correlacionados e condicionados pelo sofrimento, que recorda a consciência de finitude de todos.

O sofrimento é a questão feita à liberdade humana e a real situação de limitação e sua inevitável dependência. Assim, se evidencia o choque, o drama por excelência da sociedade contemporânea e a condição humana, porque contradiz o seu desejo de perfeição, mina a falsa pretensão de ser ilimitado, autossuficiente pelo poder do progresso, pela cultura do cientificismo, e cai a concepção do corpo e da vida, ilusão que basta o sofrimento e a morte para revirar todos os fundamentos. A pós-modernidade exorciza o sofrimento, nega o inegável, e gera o recalcamento na sociedade.

1.2. O sofrimento: problema, enigma e mistério

São conceitos complementares que iluminam o tema que concerne ao sentido e ao alcance antropológico e existencial do sofrimento, da doença e da morte. A tese de L. Wittgenstein, defendia que a solução para o problema da vida o sentido da vida, é diferente da sua supressão, pois trata-se de uma dimensão mística, que se desvela na medida da sua inefabilidade. Há vivencias que excedem o campo da limitação da linguagem conceitual, e por isso, não conseguem dizer, mas apenas mostrá-los, evocá-los no contexto de uma resposta que permanece sempre incapaz de uma formulação nos limites da linguagem. É neste indizível místico que se situa a ética e a religião na sua raiz mais profunda.

O mistério do sofrimento, doença e morte, não é acidental ou periférico, mas envolve o sujeito todo e por dentro. Para Gabriel Marcel, a separação entre problema e mistério, não é questão de conceito de conhecido e desconhecido, mas é algo autônomo, apesar de não ser totalmente conhecido, se impõe inegavelmente a ser reconhecido por quem está nele envolvido, ou seja, quando me confronto com o problema, sou envolvido pelo mistério.

No fundo, o sofrimento revela o homem, aí ele deve reconhece-se. O mistério apresenta-se onde o sujeito se encontra envolvido no interior do que ele próprio questiona.

A história do sofrimento, não revelaria apenas males, as guerras ou epidemias, mas uma verdadeira história das mentalidades, do sentido da dor na sua tríplice dimensão da sensibilidade, da significação e da orientação.

A reflexão filosófica acerca da questão do sentido do sofrimento, nos primórdios interpretou frequentemente o sofrer como consequência de um mal.

1.3. A tentativa de superação do sofrimento pela via filosófica

Temos aqui um exemplo muito significativo e ilustrador, a partir de Buda e sua relação com A. Schopenhauer e o poeta Antero de Quental. A realidade do sofrimento é só interdisciplinar, intercultural? Como se resolveria?

1.4. A via cristã

A teologia – a fé que ama saber - que faz progredir na fé da Igreja a compreensão da Divina Revelação, fundamentada na Sagrada Escritura, Tradição e Magistério, deve iluminar com o esplendor de Cristo, o sofrimento em geral e o que decorre da sua relação com a doença e com o mal, como verdadeiro enigma e um mistério, muito mais do que um problema passível de solução. Balthasar ocupou-se de uma forma específica de sofrimento moral e espiritual, que é a angústia, aquele sofrimento que decorre do confronto com o enigma e o mistério da finitude humana, situação profundamente existencial devido a consciência que o homem tem de ser irrecusavelmente um ser para a morte. O homem não vive para morrer, mas morre para viver. Pensa-se que Balthasar faz a abordagem da angústia na aproximação filosófica e teológica, devido o tema ter sido assumido como categoria fundamental de uma forma de filosofia da existência, desenvolvida por Heidegger.

Cristo também foi esmagado pelo drama da angústia na proximidade da paixão no horto, no confronto com a sua morte iminente, que é um dos momentos mais densos, mesmo na visão antropológica, de toda a Escritura, onde assume na radicalidade o drama da condição humana para redimir o homem em estado de angústia, pois tudo que Cristo assumiu foi para redimir e salvar, logo, o homem só pode ser livre por Ele. Não se trata simplesmente de explicar, como ocorre com o grave perigo da via gnóstica – salvação pelo conhecimento, mas pelo seguimento e permanência na história de Jesus, típico da fé eclesial.

O Concílio através da Gaudium et Spes n.18 vai além do entendimento antropológico ou psicológico do sofrimento e da morte, e oferece o sentido sobrenatural da fé revelada da Igreja.

O testemunho do Papa João Paulo II, homem devorado pela dor, mas perpassado pela luz de Cristo Redentor do Homem, enriquece a Igreja com sua vida e testemunho, para ajudá-la a seguir o homem justamente no caminho da dor e do sofrimento. Por sua vez, Bruno Forte aprofunda e esclarece o sofrimento como expressão da condição exodal da existência humana, através do Deus que em Cristo revela-Se como o Deus da compaixão. Só no amor desmedido de Deus em Cristo agindo na indigência e finitude humana, no caminho da morte para a vida, se encontra uma resposta ao problema do sofrimento humano, típica da via cristã que crer no amor de Deus. No caminho da morte para a vida, travessia exodal do homem peregrino, do nada do homem para o do tudo do amor de Deus. É aqui que a teologia atinge o seu objetivo como sabedoria do amor.

Conclusão

Aproximações de natureza teológica sobre o mistério do sofrimento e seus alcances. É necessária a teologia que aprofunde um plano existencial de experiencia eclesial, para a teologia não ser uma gnose, logo, falsa, porque de nenhuma consolação seria, se não se traduzisse na experiencia da compaixão, a divina e a humana, que se dá na comunhão eclesial e se celebra e se vive nos sacramentos. Eis a via sacramental, cume de verificação da verdade de uma teoria e de uma autêntica teologia, que precisa ser vivida senão é gnose alienante. Jesus não explicou o sofrimento, mas chamou os sofredores para se colocarem debaixo da cruz e segui-Lo.

A Sagrada Unção dos Enfermos é o momento do no qual o sofrimento, vivido em Cristo - na carne de Cristo no seu corpo, é assumido como caminho de salvação, porque é sofrimento aceito e vivido no amor.

III. Autor: MANICARDI, Luciano. **O Humano Sofrer**. Evangelizar as Palavras Sobre o Sofrimento. Brasília: Edições CNBB, 2017. p. 13-20.

O sofrimento é ex-peri-ência universal. O homem é também *homo patiens.* Há uma compreensão racional e visceral do sofrimento, como o caso mais sério da existência humana. O sofrimento pode abrir uma estrada na direção do que na vida é essencial e verdadeiro. Porém, não é dito que aconteça. Tudo neste momento passa pelo crivo das inevitáveis perguntas que se multiplicam e as respostas falsas ou fracas ou inconsistentes. Até o próprio Deus se torna interrogação. O sofrimento tem algo a dizer sobre o homem e sobre Deus.

A fé cristã, que tem em seu coração a Revelação inaudita da Encarnação, do Deus que se homem e, carne frágil, considera tudo que é humano. Sofrimento, doença e morte juntos. É preciso evangelizar e de humanizar o discurso cristão sobre o sofrimento, doença e morte.

A cultura da escuta, especialmente, do sofredor no contexto cultural que joga com o sofrer e morrer como remoção e espetacularização, até como “remoção da morte e epopeia do macabro”. Escutar é uma arte que exige o ato de abrir-se e de acolher o sofrimento do outro. A maior parte dos ouvidos se fecha às palavras que buscam dizer um sofrimento. Sabemos dar tempo e energias, ânimo à escuta de quem sofre? Ouvimos o sofrimento que existe em nós, condição indispensável para ouvir atentamente o outro? Escutar é fazer nascer, dar subjetividade, permitir fazer o próprio nome e o próprio rosto, ou a própria humanidade.

O rosto é a expressão da identidade. É epifania da humanidade, da irredutível unicidade, e esta preciosidade do rosto é simultaneamente à sua vulnerabilidade.